

## VARIAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES INTRODUTORAS DE DP DATIVO NO DIALETO DE HELVÉCIA-BA

Isis Juliana Figueiredo de Barros  
*Universidade Federal da Bahia*  
julianaisis@gmail.com

Ilza Ribeiro  
*Universidade Federal da Bahia*  
ilzaribeiro@uol.com.br

**Abstract:** In this paper, we analyze some contexts related to the use of the prepositions *a* and *para* introducing dative DPs in the dialect of Helvécia. We discuss some of the strongest motives for the use of these prepositions, such as VP structure, semantic type of the verb, age and educational/literacy level.

**Keywords:** prepositions, dative DP, Afro-Brazilian Portuguese.

### Introdução

Este texto apresenta uma análise sobre a realização das preposições introdutoras de DP dativo na comunidade de Helvécia, que está localizada no município de Nova Viçosa, Sul da Bahia. Esta comunidade, assim como outras comunidades rurais afro-brasileiras, teria passado por um processo de reestruturação da gramática adquirida em situação de contato, como L2 (Lucchesi, 2009). É importante observar que as pesquisas linguísticas têm evidenciado aspectos divergentes do que preconiza a tradição gramatical, no que diz respeito ao emprego das preposições.

As gramáticas tradicionais apresentam as preposições como elementos gramaticais que podem assumir diversos valores semânticos em um sintagma. Para os autores Cunha e Cintra (1985), por exemplo, a preposição *a* pode apresentar-se com valor de *movimento*, conforme exemplo (01), e *concomitância*, conforme exemplo (02), e a preposição *para* pode apresentar-se somente com valor de *movimento*, com tendência para um *limite*, *finalidade*, *direção* ou *perspectiva*, conforme exemplo (03).

- (01) *Rompo à frente, tomo à esquerda.* (A. Ribeiro, M, 59, apud Cunha e Cintra, 1985)
- (02) *A mulher adormeceu ao se lado.* (N. Piñon, AS, 146, apud Cunha e Cintra, 1985)
- (03) *Agora, não lhe interessava ir para o Huamba* (Castro Soromenho, TM, 200 apud Cunha e Cintra, 1985)

Cunha e Cintra (1985) evidenciam que há uma possibilidade de a preposição *a* variar simultaneamente em alguns aspectos em relação à preposição *para* e tentam diferenciar as duas preposições, destacando o fato de que a preposição *para* admite um traço [+locativo] bem mais forte do que o da preposição *a*, de modo que a preposição *para* indicaria um movimento que foi originado em um determinado ponto de partida em direção a outro.

Morais e Berlinck (2006), ao estudarem o objeto indireto levando em conta os aspectos sincrônicos e diacrônicos, declaram que a preposição *a* introduz principalmente complementos dativos<sup>1</sup>, aparecendo também em outros contextos no português brasileiro (doravante PB) atual. Além disso, destacam que as preposições *a* e *para* exibem uma tendência de substituição da primeira pela segunda no PB atual quando introduzem o argumento dativo:

*Como sabemos, estudos sobre o PB atual mostram que, na língua falada, incluindo a dos falantes cultos, e na língua escrita menos formal, há uma tendência em substituir a preposição a pela preposição para com os verbos ditransitivos de transferência ou movimento.* (Morais e Berlinck, 2006, 80)

Este aspecto pode ser constatado na comunidade de Helvécia, onde há variação e possível mudança no que se refere à realização das preposições *a* e *para*, em que há predominância da segunda em detrimento da primeira (vd. Seção 3).

O texto está dividido em três seções: na seção 1, assumimos alguns aspectos sobre o fenômeno, baseados nas concepções de Moraes e Berlinck (2007), Moraes e Salles (2007), Berlinck (1999) e Lucchesi e Mello (2009); na seção 2, apresentamos o resultado quantitativo e análise dos dados encontrados na pesquisa; por fim, na última seção, serão feitas as considerações

<sup>1</sup> O argumento dativo (preposicionado ou não) possui uma série de aspectos que o caracterizam, porém o mais importante deles é seu papel semântico de *beneficiário* em uma oração.

finais acerca da realização das preposições introdutoras do DP dativo na comunidade em questão. Nesse sentido, o objetivo principal desse artigo é contribuir para a descrição de aspectos sintáticos no português afro-brasileiro, mais especificamente em Helvécia.

### 1 Breve descrição sobre as preposições introdutoras do DP dativo

Nesta seção, trataremos de aspectos descritivos a respeito da realização das preposições *a* e *para* no DP<sup>2</sup> dativo. O argumento dativo, segundo Morais, Ribeiro & Ferreira (2008), pode apresentar-se das seguintes maneiras: (i) *construção ditransitiva preposicionada*, conforme (04); ou (ii) *construção de objeto duplo*, como ocorre no inglês, conforme (05):

(04) Gabriel deu um bolo de chocolate **a sua mãe**.

V DP<sub>tema</sub> prep.+DP<sub>dat</sub>

(05) *Gabriel gave his mother a cake of chocolate.*

(Gabriel deu sua mãe um bolo de chocolate)

V DP<sub>dat</sub> DP<sub>tema</sub>

Apesar de haver duas construções diferentes em que o argumento dativo é realizado<sup>3</sup>, neste artigo, somente são analisadas aquelas semelhantes a (04), por apresentarem DPs dativos encabeçados por *a* ou *para*. Podemos descrever (04) como uma estrutura que compõe um predicado verbal (V) com três argumentos: um externo (Gabriel), com papel temático de *agente*, além de dois internos, atuando como *tema* (um bolo de chocolate) e *beneficário* (*a sua mãe*), ou, em outros contextos, como *alvo/meta* ou *fonte*<sup>4</sup>. Nessas estruturas, o argumento dativo aparece imediatamente após o complemento com papel temático de *tema*.

<sup>2</sup> Determiner Phrase (Sintagma Determinante)

<sup>3</sup> Lucchesi & Mello (2009) nomeiam este fenômeno como “alternância dativa”. O trabalho também apresenta um quadro bastante interessante desse contexto linguístico na comunidade de Helvécia- BA.

<sup>4</sup> No português europeu (PE), argumentos que recebem papel temático *fonte* geralmente são introduzidos pela preposição *a* (Comprei mangas *ao* [DP<sub>fonte</sub> menino]). No entanto, o quadro é diferente no PB: é a preposição *de* que antecede argumentos como estes (Comprei as mangas *dó* [DP<sub>fonte</sub> menino]). Praticamente não há realização de *a* introduzindo DP dativo com papel temático *fonte* no PB.

Morais e Salles (2007), ao observarem no PB o comportamento dessas preposições em contextos sintáticos cujo complemento dativo é preposicionado, constataram que as preposições *a* e *para* parecem ter peso semântico, sendo, portanto, núcleos de categoria lexical PP<sup>5</sup>.

*In the absence of the applicative configuration, the indirect object is projected as a prepositional phrase (PP), introduced by a lexical/true preposition.* (Morais e Salles 2007: 06)

Morais e Berlinck (2007) mostram que no português europeu (doravante PE) a construção é diferente: além de não haver a realização da preposição *para* nestes contextos, a preposição *a* seria meramente um marcador de caso dativo (a-DP). As autoras também levantam a hipótese de que o PB teria sofrido uma reanálise nas propriedades gramaticais de expressão morfológica do dativo, e, como consequência, passou a apresentar configurações gramaticais diferentes do PE:

*O PB se distancia do PE, de forma marcante na língua falada, não só pelo uso preferencial da preposição para, como também pela ausência dos pronomes lhe/lhes em seu uso como 3ª pessoa.* (Morais e Berlinck 2007: 99)

Berlinck (1999) revelou uma diminuição progressiva da frequência da preposição *a* no PB e aumento da preposição *para*, ao longo do século XX. A preposição *a* seria tipicamente marcadora de dativo, realizada com verbos de transferência material, como *dar* e *entregar*, e a preposição *para* seria mais locativa, como as que introduzem os verbos *levar*, *trazer*, e *conduzir*, por exemplo.

Lucchesi e Mello (2009), em seu texto sobre a alternância dativa em comunidades afro-brasileiras, incluindo Helvécia, argumentam que a mudança da expressão de caso no PB configura “um processo de simplificação morfológica, com a perda das marcas exclusivas de dativo, acompanhada da expansão do uso de uma preposição multifuncional”.

No que concerne aos DPs dativos, *a* e *para* aparecem unicamente com a tarefa de atribuir caso dativo ao DP que atua como beneficiário na sentença, já que, pela teoria do Caso, o predicado verbal tem papel de atribuir caso acusativo ao DP tema.

Ao que parece, em um determinado período da história do PB, essas preposições teriam assumido propriedades semelhantes, permitindo que hou-

---

<sup>5</sup> *Prepositional Phrase*

vesse a possibilidade de alternância/variação entre as duas preposições. Vale ressaltar que as preposições *a* e *para* são geralmente co-variantes quando aparecem como argumentos de verbos de *transferência verbal ou perceptual*, conforme (06) e *transferência material*, conforme (07).

- (06) a. Eu vou mostrar a quantia **para/a** você.  
 b. O coordenador mencionou sobre seu plano **para/ao** diretor.
- (07) a. Posso emprestar este livro **para/a** Joana?  
 b. Eu paguei R\$ 10 **para/ao** reparador.

Os dados que serão discutidos na próxima seção apresentam algumas evidências que reforçam a ideia de variação e mudança nos contextos em que as preposições *a* e *para* exercem funções de atribuidoras de dativo na comunidade de Helvécia, consoante com aspectos abordados pelos autores mencionados acima.

## 2. A realização da preposição do DP dativo em Helvécia

Esta seção é um recorte da análise dos dados de Barros (2008) e trata das construções dativas preposicionadas encontradas no *corpus*, apresentando quais são as principais diferenças entre as ocorrências das preposições *a* e *para* na comunidade de Helvécia. O *corpus* selecionado é composto por amostras de fala de doze inquiridos da comunidade pertencentes ao banco de dados do Projeto Vertentes, distribuído em três faixas etárias, a saber, faixa 1 (20-40 anos), faixa 2 (41-60 anos) e faixa 3 (acima de 60), sendo seis informantes do sexo feminino e seis do masculino, dois de cada sexo para cada faixa etária. Foram observadas também como variáveis sociais a escolaridade, dividida entre analfabetos e semi-analfabetos, e estadia fora da localidade<sup>6</sup>. Serão apresentados resultados quantitativos acerca do tipo de realização da preposição que introduz o argumento dativo, os quais nos permitem desenharmos um quadro de predomínio da preposição *para* nos dados obtidos.

---

<sup>6</sup> Foi considerado tempo fora da comunidade somente para os informantes que saíram da comunidade por mais de seis meses.

Tabela 01: Distribuição do tipo de realização da preposição.<sup>7</sup>

	<i>Para</i>	<i>A</i>	<i>Total</i>
<i>Ocorrências</i>	74	14	88
<i>Frequência</i>	84%	16%	100%

A Tabela 01 apresenta a distribuição geral do tipo de preposição introdutora de DP dativo no *corpus* investigado. Pode-se observar que, com 84% da frequência, há uma discrepância no uso da variante *para* em relação à preposição *a*. A variante *a* foi a estratégia menos escolhida pelos falantes de Helvécia, com 16% da frequência. Veremos nas subseções seguintes quais foram os principais aspectos que influenciaram na escolha da preposição introdutora de DP dativo *para* em detrimento de *a*. Devemos, no entanto, adiantar que a preposição *a* foi pouco frequente ao analisarmos o quadro geral das ocorrências na comunidade, mas foi mais frequente na fala das pessoas mais velhas, em oposição à preposição *para* que foi variante escolhida pelos mais novos.

## 2.1 A preposição do DP dativo e a estrutura do VP

A análise dos dados mostrou que a ordem dos constituintes internos ao VP teve mínima participação na escolha da preposição do DP dativo. Conforme apresentadas na tabela 02, a variante *para* é mais favorecida pelas estruturas [V tema<sub>e</sub><sup>8</sup> dat] e [V tema dat] com valores bastante próximos: 86% e 87% da frequência, respectivamente, e menos favorecida pela estrutura [V dat tema], com 54% da frequência. Com a variante *a* ocorre contrariamente: é mais favorecida pela estrutura [V dat tema], com 46% da frequência em comparação à média de 16% e menos favorecida pelas estruturas [V tema<sub>e</sub> dat], com 14%, e [V tema dat], com 13%. Observando horizontalmente os

<sup>7</sup> A tabela 01 (assim como as demais) foi baseada na de Barros (2008, p. 61). A tabela original apresentou um problema em relação à quantidade de ocorrências da preposição *a*. Verificou-se que 4 das 19 ocorrências da preposição *a* encabeçavam DPs do gênero feminino. Geralmente, a preposição *a* e o determinante *a* formam uma crase, tornando ambíguo, desta forma, o dado encontrado, pois não se sabe se há ou não a realização da preposição *a*. Exemplo de frase que foi retirada do *corpus*: “Dá a mamãe um abraço!” (INQ 19).

<sup>8</sup> e = empty (zero/nulo)

dados na tabela 02, pode-se perceber que a preposição *para* é a variante mais favorecida nos três casos, enquanto que a preposição *a* tem baixa frequência, não somente no que se refere à estrutura, mas também em todo o *corpus*.

Tabela 02: Tipo de preposição e Estrutura do VP

<i>Estrutura do VP</i>	<i>Para</i>		<i>A</i>	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
V [ <sub>tema</sub> OD <sub>e</sub> ] [ <sub>dat</sub> OI]	37	86	6	14
V [ <sub>tema</sub> OD] [ <sub>dat</sub> OI]	27	87	4	13
V [ <sub>dat</sub> OI] [ <sub>tema</sub> OD]	6	54	5	46
<b>Total:</b>	<b>70</b>	<b>84</b>	<b>14</b>	<b>16</b>

## 2.2 A preposição do DP dativo e o tipo semântico do verbo

O tipo semântico do verbo mostrou-se determinante na escolha da preposição introdutora de DP dativo. Ao observar os dados, foi levantada a questão: quais tipos de verbos condicionariam o uso das variantes *a* e *para*? A Tabela 03 apresenta os números que nos possibilitam responder a essa pergunta.

Tabela 03: Tipo de preposição X tipo semântico do verbo

<i>Estrutura do VP</i>	<i>Para</i>		<i>A</i>	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
V [ <sub>tema</sub> OD <sub>e</sub> ] [ <sub>dat</sub> OI]	37	86	6	14
V [ <sub>tema</sub> OD] [ <sub>dat</sub> OI]	27	87	4	13
V [ <sub>dat</sub> OI] [ <sub>tema</sub> OD]	6	54	5	46
<b>Total:</b>	<b>70</b>	<b>84</b>	<b>15</b>	<b>16</b>

Aparentemente, observando a tabela acima, no dialeto da comunidade de Helvécia, as duas preposições coexistem somente com verbos de *transfêrência material*, como *dar*, *passar*, *entregar*, *etc.*, e verbal, como *falar*, *mencionar*, *dizer*, pois o uso da preposição *para* é categórico no contexto de verbos

de *movimentos (físico e abstrato)*, diferente da preposição *a* que só ocorre com os de *transferência*. É interessante observar que a preposição *a* não ocorre com verbos de movimento (físico ou abstrato) e é realizada principalmente com verbos de *transferência material*, como no exemplo em (08), com 22% das ocorrências.

(08) Bernardino disse: “Pode [<sub>Transferência material</sub> dá [<sub>dat</sub> *a* *ele*] ].” (INQ20)

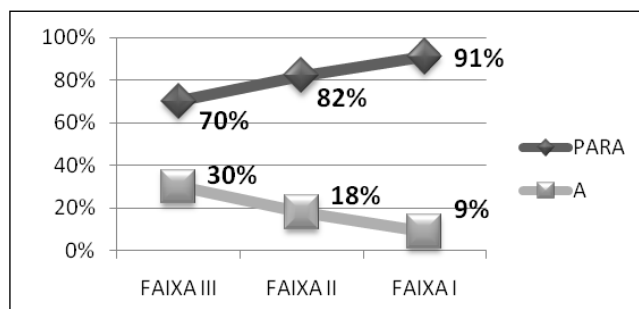
Diante dos resultados encontrados, pode-se levantar a seguinte questão: qual propriedade difere os verbos de transferência dos demais e possibilita o aumento na frequência da preposição *a* e consequente redução no uso da preposição *para*, apesar da tendência geral de perda da preposição *a*? Uma primeira hipótese pode ser retirada da teoria temática que o predicado verbal possui um papel semântico para atribuir ao DP. Ao contrário dos outros verbos que atribuem papéis temáticos *meta* e *fonte*, os verbos de *transferência material* atribuem papel *beneficiário* ao DP dativo; provavelmente, esta propriedade é o que define a escolha da preposição *a* em construções ditransitivas, resultando numa maior resistência desta preposição neste contexto. A preposição *a* seria tipicamente introdutora dativo no sentido de que os argumentos dativos originalmente são beneficiários da ação. Neste contexto, as preposições *a* e *para* são funcionais e, portanto, somente atribuem Caso ao DP, deixando a incumbência de atribuição do papel temático ao núcleo verbal. Já nos casos dos outros tipos verbais, em que a preposição *para* é predominante, é possível inferir que a preposição *para* nestes outros contextos é lexical e participa junto ao verbo da seleção semântica e atribuição de papel temático, de modo que, como a preposição *a* é estritamente funcional, ela não tem o papel de selecionar argumentos e atua somente com verbos de transferência.

### 2.3 A preposição do DP dativo e a Faixa etária dos falantes

A partir da análise do gráfico abaixo, notamos que a preposição *a* é mais frequente na faixa etária III, com 30% das ocorrências. Há uma queda na frequência na faixa II, com 18% das ocorrências, e uma redução mais acentuada na faixa I, com somente 9% das ocorrências.

Já no que se refere à preposição *para*, o quadro difere significativamente: a preposição *para*, apesar de ser a preferência dos falantes em todas as faixas etárias, apresenta uma linha de valores crescentes: na faixa III, tem menor valor com 70%; na faixa II, com 82%; na faixa I a ocorrência é mais elevada, com 91% dos casos. A preposição *a* praticamente está em desuso pelos jovens, que majoritariamente optam pelo uso da preposição *para*. Pode-se dizer que os dados apresentados possivelmente apontam para uma mu-





dança em progresso em que a variante *para* substituiria a preposição *a* nesta comunidade, exceto em alguns contextos em que há maior resistência da preposição *a*, mesmo havendo co-ocorrência das duas preposições, como acontece, por exemplo, com o tipo semântico do verbo. No entanto, os dados não são conclusivos, pois os dados da preposição *a* não são significativos a ponto de se sustentar tal afirmação. Seria preciso fazer uma pesquisa ainda maior para verificar se ocorre de fato este processo na comunidade ou em comunidades semelhantes a esta.

#### 2.4 Preposição do DP dativo e o grau de escolaridade dos falantes de Helvécia

O quadro abaixo evidencia que o grau de escolaridade dos falantes foi um condicionamento forte na escolha da preposição. Há um maior favorecimento da preposição *para* pelas pessoas semi-analfabetas, com 93% da frequência em relação à média de 84%, em oposição à preposição *a* que foi mais favorecida pelas pessoas sem contato com a escolaridade, com 28% da frequência em relação à média de 16%.

Tabela 04 Tipo de preposição e o grau de escolaridade

Grau de Escolaridade	Para		A	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Analfabeto	31	72	12	28
Semi-analfabeto	43	93	3	7
Total:	74	84	14	16

O resultado sobre a frequência das preposições introdutoras de DP dativo em relação à escolaridade do falante foi, evidentemente, surpreendente. Pois, a preposição *a* é a variante padrão tanto no português brasileiro, e principalmente, no português europeu. Se levarmos em consideração o caráter *standard* da preposição *a*, o esperado seria que esta preposição fosse preferencialmente escolhida por aqueles falantes que obtiveram contato com a língua padrão. Em Helvécia, como vimos, ocorre o oposto, de modo que devemos repensar sobre as reais propriedades que conduzem (e conduziram até os dias atuais) as preposições atribuidoras de caso dativo para este quadro: maior escolha pela preposição *para* e uso da preposição *a* somente em alguns contextos específicos, como o seu uso principalmente por falantes analfabetos.

### Considerações finais

Os dados encontrados indicaram que as preposições *a* (embora pouco frequente no *corpus*) e *para* apresentaram condicionamentos diferentes entre si. Em se tratando da ordem na estrutura VP, a preposição *a* foi mais favorecida pela estrutura em que o DP dativo aparece adjacente ao verbo: [V DAT TEMA], ao contrário da preposição *para* que foi mais frequente nas outras estruturas: [V TEMA DAT] e [V TEMA e DAT]. Mas, isso não um é quadro definido, já que a preposição *para* foi bastante frequente nas três estruturas. O tipo semântico do verbo foi crucial na escolha da preposição introdutora de DP dativo, como ocorreu com a preposição *a*, que foi principalmente mais favorecida pelos verbos de *transferência material*, que selecionam um DP com papel temático de *beneficiário*. Do ponto de vista dos aspectos sociais, a realização das preposições apontou para uma mudança em progresso. As duas estratégias são utilizadas por ambas as faixas etárias, porém com maior frequência no uso da preposição *para* em todos os casos. Os falantes das faixas I e II dão maior preferência à preposição *para*, já a faixa III, embora a preposição *a* tenha menos frequência em todos os casos, foi a que mais favoreceu a presença do *a* DPs dativos. Já a variável *escolaridade* revelou que a estratégia mais usada pelos analfabetos é a preposição *a*, enquanto que a

preposição *para* é mais frequente nas pessoas que tiveram o mínimo de contato com a escolarização.

## Referências

- Barros, Isis. 2008. A variação nas construções dativas no dialeto de Helvécia (BA). Trabalho de Conclusão de Curso. UNIME.
- Berlinck, Rosane A. 1999. O objeto indireto no Português Brasileiro do século XIX. Comunicação apresentada no II Congresso Nacional da ABRALIN – Florianópolis.
- Cunha, Celso & Luís F. Lindley Cintra. 1985. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Lucchesi, Dante. Transmissão Lingüística irregular. 2009. In: Baxter, Alan; Lucchesi, Dante; Ribeiro, Ilza; (Org.). *O Português Afro-brasileiro*. 1a ed. Salvador: EDUFBA.
- Lucchesi, Dante e Mello, C. Alternância dativa. 2009. In: Baxter, Alan; Lucchesi, Dante; Ribeiro, Ilza; (Org.). *O Português Afro-brasileiro*. 1a ed. Salvador: EDUFBA.
- Lucchesi, Dante. Transmissão Lingüística irregular. 2009. In: Baxter, Alan; Lucchesi, Dante; Ribeiro, Ilza; (Org.). *O Português Afro-brasileiro*. 1a ed. Salvador: EDUFBA. p.73-106
- Ribeiro, Ilza; Carneiro, Zenaide; Almeida, Norma. (Org.). 2006. *Para a História do Português Brasileiro: novos dados, novas análises*, p. 73-10. 1a. ed. Salvador: EDUFBA, v. 6.
- Torres Morais, M. A.; Berlinck, Rosane de Andrade. “Eu disse pra ele” ou “disse-lhe a ele: a expressão do dativo nas variedades brasileira e europeia do português. In: Ataliba Teixeira de Castilho; Maria Aparecida T. Morais; Ruth E. V. Lopes; Sonia M.L. Cyrino. (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*, p. 61-74. 1 ed. Campinas/São Paulo: Pontes/FAPESP, 2007, v. 1.
- Torres Morais, M. A. & H. M. Lima-Salles. 2007. *Parametric change in the grammatical encoding of indirect objects in Brazilian Portuguese*. Talk presented at *The 37th Linguistic Symposium on Romance Languages*, University of Pittsburgh.
- Torres Morais, M. A., Berlinck, R. A. 2006. A caracterização do objeto indireto no português: aspectos sincrônicos e diacrônicos. In: Lobo, T.; Ribeiro, I.; Carneiro, Z.; Almeida, N. (Orgs.) *Novos dados, novas análises*, p.73-106. Salvador: EDUFBA. v. VI – t. I.

---

Recebido em: 03/05/2010

Aceito em: 18/08/2010

---